revec
Revista de Estudos de Cultura
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
https://seer.ufs.br/index.php/revec
REVISTA DE ESTUDOS DE CULTURA
São Cristóvão (SE) | v. 11 | n. 27 | Jan. Jun./2025 | p. 311-326
Submetido em 30/09/2024 Aceito em: 19/05/2025

EXPERIÊNCIAS E EXPECTATIVAS NA RECEPÇÃO LITERÁRIA DO CONTO *O BISAVÔ E A DENTADURA*, DE SYLVIA ORTHOF

Ivone dos Santos Veloso*
Yandra Dias de Oliveira*

RESUMO

O presente estudo é um recorte de uma pesquisa que buscou examinar as estratégias de recepção utilizadas por alunos do 8° ano do ensino fundamental, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Maria Nadir Filgueira Valente, no município de Cametá/PA. A pesquisa foi aplicada através da leitura do conto *O Bisavô e a Dentadura* (2001), de Sylvia Orthof, e as etapas da aplicação foram desenvolvidas a partir do Método Recepcional de Bordini e Aguiar (1993). Como aporte teórico nos fundamentamos nos estudos de Jauss (et al; 2002) acerca da Estética da Recepção, e também, em Aguiar (2011); Barthes (1987); Bordini e Aguiar (1993) e Cosson (2009). Os resultados validaram que o horizonte de expectativas dos alunos é construído em torno das suas vivências socioculturais. A micro aplicação da proposta, por sua vez, demonstrou que mesmo em formato mínimo a experiência leitora e a experiência subjetiva se cruzam na interpretação de um texto literário, e que essa relação é fundamental para a motivação dos alunos e sua formação leitora.
Palavras-chave: Leitura literária. Estética da recepção. Formação leitora.

* Doutora em Estudos Literários (UFPA), atua no ensino de graduação e de Pós-graduação, sendo professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/ UFPA). Atualmente, coordena o projeto de pesquisa "Nas páginas dos jornais, nas entrelinhas do romance: o ético e o estético em Dalcídio Jurandir" e o projeto de extensão "Janelas Literárias".

** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL\UFPA), na linha de pesquisa: Literatura, Interpretação, Circulação e Recepção. Graduada em Letras Língua Portuguesa pela UFPA - Campus Universitário do Tocantins/Cametá (2019-2024) Foi bolsista e, atualmente, atua como voluntária do Projeto de extensão "Janelas Literárias"

EXPERIENCES AND EXPECTATIONS IN THE LITERARY RECEPTION OF THE TALE BISAVÔ E A DENTADURA, BY SYLVIA ORTHOF

ABSTRACT
This study is an excerpt from a research project that sought to examine the reception strategies used by 8th grade students at the Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Maria Nadir Filgueira Valente, in the municipality of Cametá/PA. The research was applied by reading the short story *O Bisavô e a Dentadura* (2001), by Sylvia Orthof, and the stages of application were developed based on the Receptive Method of Bordini and Aguiar (1993). As a theoretical contribution, we used the studies of Jauss (et al; 2002) on the Aesthetics of Reception. In addition, studies by: Aguiar (2011); Barthes (1987); Bordini and Aguiar (1993) and Cosson (2009). The results validated that the students' horizon of expectations is built around their socio-cultural experiences. The micro-application of the proposal, in turn, demonstrated that even in a minimal format, the reading experience and the subjective experience intersect in the interpretation of a literary text, and that this relationship is fundamental for the motivation of students and their reading development.
Keywords: literary Reading, aesthetics of reception, reading education.

EXPERIENCIAS Y EXPECTATIVAS EN LA RECEPCIÓN LITERARIA DEL CUENTO BISAVÔ E A DENTADURA, POR SYLVIA ORTHOF

RESUMEN
Este estudio es un extracto de una investigación que buscó examinar las estrategias de recepción utilizadas por alumnos de 8º grado de la escola municipal de ensino fundamental professora Maria Nadir Filgueira Valente, en el municipio de Cametá/Pa. La investigación se aplicó a partir de la lectura del cuento *O Bisavô e a dentadura* (2001), de Sylvia Orthof, y las etapas de aplicación se desarrollaron con base en el método receptivo de Bordini y Aguiar (1993). Como contribución teórica, utilizamos los estudios de Jauss (et al; 2002) sobre la estética de la recepción. Además, los estudios de: Aguiar (2011); Barthes (1987); Bordini y Aguiar (1993) y Cosson (2009). Los resultados validaron que el horizonte de expectativas de los estudiantes se construye en torno a sus experiencias socioculturales. La micro aplicación de la propuesta, a su vez, demostró que incluso en un formato mínimo, la experiencia lectora y la experiencia subjetiva se entrecruzan en la interpretación de un texto literario, y que esta relación es fundamental para la motivación de los estudiantes y su desarrollo lector.
Palabras clave: lectura literária, estética de la recepción, educación lectora

1 INTRODUÇÃO

Ao pensar a questão da leitura no país, sabemos que toda a trajetória da educação até hoje apresenta alguns impasses quanto ao seu exercício, pois observamos que, apesar de compreender que a leitura, sobretudo a leitura literária, proporciona e auxilia na construção de sujeitos críticos e reflexivos, ainda não é um processo formativo tão exercitado nas escolas e, quando efetivado, quase sempre apresenta problemas na sua concretização. Isso se mostra bem evidente em uma pesquisa realizada a respeito da prática da leitura no Brasil, em que alunos do ensino fundamental, de escola pública e privada, foram analisados. Conforme Tenente (2023)

> Só 13% dos brasileiros têm nível de aprendizado adequado. Os dados individuais são preocupantes, afirmam especialistas ouvidos pelo g1: 38% dos estudantes brasileiros não dominavam as habilidades mais básicas de leitura. Só 13% foram classificados, segundo a avaliação, como proficientes (Tenente, 2023).

Percebemos, através dos dados, que o Brasil apresenta resultados preocupantes em relação à leitura. Ainda conforme Tenente (2023), o país ficou bem abaixo de outros países considerados pobres, como Azerbaijão e Uzbequistão. Assim, pensar e agir sobre a formação leitora continua sendo uma necessidade urgente.

Nesse sentido, a presente pesquisa resultou de inquietudes surgidas durante a execução do projeto de extensão "*Janelas literárias*" da UFPA(CUNTINS/Cametá). O projeto, nas primeiras edições, tinha como foco a construção leitora e literária dos educadores. Entretanto, nas outras versões, expandimos o público-alvo, e nos voltamos para a promoção de atividades com alunos do ensino fundamental. Foi a partir desse ponto que as atividades extensionistas deram abertura para questões – norteadoras para uma pesquisa sobre a formação leitora daqueles jovens. Assim, nos indagamos: como a experiência leitora e a experiência subjetiva se cruzam na interpretação de um texto literário? Os processos propostos pela Estética da Recepção e as estratégias sugeridas pelo método recepcional são proposições (ainda) válidas para esse público? Se fizermos uma micro-aplicação do método, teremos os mesmos resultados propostos pelos teóricos?

Por essa razão, a pesquisa desenvolvida procurou atentar para o trabalho da leitura literária a partir da construção dos horizontes de expectativa[1], isto é, o universo de leitura resultado das relações sociais e influências culturais dos alunos do 8° ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Maria Nadir Filgueira Valente[2], no município de Cametá, nordeste paraense. Partimos do seguinte questionamento**:** quais são as estratégias de recepção usadas por alunos do 8° ano do ensino fundamental na leitura literária? Nesse sentido, buscamos compreender de que forma os alunos ao longo das suas leituras construíram seus horizontes de expectativa. Neste artigo, apresentamos um recorte da pesquisa, demonstrando a análise feita a partir da aplicação do conto O *Bisavô e a Dentadura*, de Sylvia Orthof (2001).

---

[1] Termo desenvolvido pelo teórico Hans Hobert Jauss (et al; 2001) na *Estética da Recepção*.

[2] Desse ponto em diante, vamos nos referir à instituição apenas como EMEF Professora Maria Nadir Filgueira Valente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Há muitas dificuldades que norteiam o ensino de leitura, especialmente da leitura literária, sobretudo, por perspectivas que a limitam e consideram que literatura, conforme Cosson, é apenas "uma viagem, ou seja, mera fruição" (2009, p. 22). Em outras palavras, nas escolas, de modo geral, a literatura tem sido apresentada apenas por seu valor apreciativo e/ou usada apenas como apoio de outras atividades escolares, não como um conteúdo a ser compreendido, debatido ou, mesmo interpretado. Por essa razão, por não se ensinar a ler literatura, é que Cosson (2009), acredita que o trabalho com a literatura no ensino fundamental e no ensino médio, tem sido errôneo e superficial. Essa desvalorização do ensino-aprendizagem de literatura é ainda mais evidente e preocupante, pois o que se vê com bastante frequência nas escolas são leituras de textos informativos, aqueles que em sua maioria oferecem praticamente, segundo Aguiar (2011), toda a informação ao leitor.

Sabe-se que a leitura literária apresenta suas peculiaridades, e, portanto, requer uma metodologia adequada por aquele que ensina. Cosson (2009) enfatiza que a literatura na escola precisa ser ensinada, isto é, precisa de métodos, assim como uma outra disciplina qualquer. Essa perspectiva do autor coloca em evidência um ponto de bastante relevo, a de que a leitura literária é complexa e não pode ser reduzida a uma prática complementar.

Infelizmente, o que se observa no ambiente escolar é que, poucas vezes, temos a leitura de obras literárias e quando isto é realizado, a prática escolar, geralmente, desconsidera a interpretação ou as vivências dos alunos, ou, conforme Bordini e Aguiar (1993, p. 35): "O texto literário é neles pretexto para o estudo da gramática e, se desencadeia as ações, não é vinculado à experiência de vida do aluno, o que afeta seu poder de mobilização para o ato de ler". Assim, adotar nas escolas o ensino do texto literário, a partir dessa visão, é limitá-lo e não permitir que ele cumpra o seu papel de transformar a visão de mundo de quem lê.

A leitura literária é imprescindível e muito relevante para o ser humano. Por ser complexa, necessita de atenção e é através dela que também podemos experimentar o mundo e poder ver que o ficcional, muitas vezes, se relaciona com o real. Aguiar (2011) afirma que as outras leituras que realizamos como uma prática qualquer do dia a dia, na maioria das vezes, fazemos por uma necessidade, o que se difere quando nos deparamos com um texto literário que, por sua vez, por não ser um texto utilitário, nos oferece uma leitura que proporciona um olhar múltiplo sobre a vida e a sociedade, ao passo que nos instrumenta para também formular nossas próprias visões de mundo.

Nesse processo, a leitura literária pode proporcionar o prazer, mas também pode causar descontentamento no leitor. A respeito disso, Roland Barthes, em *O prazer do texto* (1987) traz à tona reflexões muito relevantes para se pensar a respeito do texto literário. Sua perspectiva aborda dois vieses que nos são muito válidos: o texto de prazer e o texto de fruição. Para Barthes (1987), o texto de prazer é aquele em que o leitor se deleita diante da leitura, isto é, aquele a qual o leitor se sente contente, já o texto de fruição seria aquele em que "[...] põe um estado de perda, aquele que desconforta" (Barthes, 1987, p. 27). Desse modo, observamos a infinidade de possibilidades e experiências que podemos vivenciar com o texto literário.

Entretanto, tais experiências leitoras, comumente, são desconsideradas, pois o que, na maioria dos casos, se busca é saber "o que o autor quis dizer". A teoria da recepção, de Jauss (et al; 2002), vem de encontro a esse pensamento, pois parte da ideia de que o mais importante na prática da leitura literária não é a obra em si, mas o leitor. Segundo Bordini e Aguiar "A teoria da recepção desenvolve seus estudos em torno da reflexão sobre as relações entre narrador-texto-leitor, vê a obra como um objeto verbal esquemático a ser preenchido" (1993, p. 31), isto é, cabe o leitor interpretar o que é lido. Segundo a perspectiva de Jauss (et al; 2002) o que se tinha antes sobre a arte, especificamente sobre o texto literário, era apenas o viés produtivo, mas a Estética da Recepção passa a ver esse processo por um novo olhar, procurando entender como o texto é recebido pelo leitor.

Nesse viés, notamos que o ensino da leitura de textos literários não deve apenas considerar as intenções do autor que escreve certa obra, mas deve valorizar o que é interno e externo a ela. Assim, o leitor, com sua bagagem cultural, transforma e dá sentido ao texto vivenciando e experimentando o prazer da leitura. De acordo com o Jauss (2002):

> A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com (einstellung auf) seu efeito estético, isto é, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva. Uma interpretação que ignorasse esta experiência estética primeira seria própria da presunção do filólogo que cultivasse o engano de supor que o texto fora texto, não para o leitor, mas sim especialmente, para ser interpretado (Jauss et al; 2002, p. 69).

Assim, Jauss (et al; 2002) entende como primordial no trabalho com a leitura literária a colocação do leitor como ser de relevo nesse processo. Além disso, outro elemento bastante importante dentro da teoria é o chamado horizonte de expectativas, que, de certa forma, conforme Jauss (et al; 2002), seria o próprio mundo de vivências e construções sociocultural do leitor, isto é, relações e construções advindas das suas vivências e que o leitor acaba inserindo na sua prática leitora. Nesse sentido, vale ressaltar que esse horizonte de expectativa não diz somente respeito ao horizonte do leitor, mas também da própria obra:

> Para análise da experiência do leitor ou da "sociedade de leitores" de um tempo histórico determinado, necessita-se diferençar, colocar e estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor. Ou seja, entre o *efeito*, como no momento condicionado pelo texto, e a *recepção*, como no momento condicionado pelo destinatário, para a concretização do sentido como duplo horizonte- o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial (*lebensweltlich*), trazido pelo leitor de uma determinada sociedade. Isso é necessário a fim de se discernir como a expectativa e a experiência se encadeiam e para se saber se, nisso, se produz um momento de nova significação" (Jauss et al; 2002, p. 73).

Desse modo, para Jauss (et al; 2002), a prática da leitura literária implica nesse encontro de horizontes, pois juntos constroem o sentido do texto e permite com que se estabeleça a comunicação entre o leitor, o que está sendo lido e as perspectivas de quem a produz. A respeito disso Bordini e Aguiar (1993) mencionam que "No ato de produção/recepção, a fusão de horizontes de expectativas se dá obrigatoriamente, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto as do leitor são a ele transferidas"

(1993, p. 83), ou seja, ambas são necessárias na experiência literária. O papel do educador nesse processo não é de apontar certo ou errado, mas de auxiliar os alunos, fazendo com que eles se tornem parte e vivenciem a experiência estética.

3 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida é fruto de uma micro aplicação do *Método Recepcional* de Bordini e Aguiar (1993), método baseado na *teoria da recepção de* Hans Robert Jauss, e que compreende cinco etapas, sendo elas:

1° Etapa: *Determinação do horizonte de expectativas*, essa etapa basicamente consiste em conhecer os gostos e interesses de leitura do leitor.

2° Etapa: *Atendimento do horizonte de expectativa*, essa a etapa compreende o atendimento dos interesses e preferências que o leitor tem ao realizar a leitura de um texto literário.

3° Etapa: *Ruptura do horizonte de expectativa*, nessa etapa é apresentado ao leitor obras literárias que abalam as suas certezas e costumes, isto é, são obras diferentes daquelas às quais estavam habituados a ler.

4° Etapa: *Questionamento do horizonte de expectativa*, nesse momento é quando o leitor deve fazer uma reflexão comparando o momento que foi atendido seu horizonte de expectativas e o momento que ele foi rompido, refletindo a respeito do que lhe foi exigido no momento de ruptura.

5 ° Etapa: *Ampliação do horizonte de expectativa*, essa etapa resulta na reflexão tecida pelo leitor a partir das leituras propostas, sobretudo, aquelas relacionadas a quebra dos seus horizontes de expectativas.

Vale ressaltar que, para a micro aplicação, selecionamos o conto *O Bisavô e a dentadura* (2001), de Sylvia Orthof. A micro aplicação do método recepcional ocorreu a partir da redução das etapas do método original, pois consideramos que no cotidiano escolar, atravessado por demandas curriculares, uma carga horária de aulas de língua portuguesa insuficiente e um calendário de eventos da escola, a aplicação do método completo demandaria muitos meses, o que poderia causar a desistência em utilizar as estratégias descritas no método, deixando, mais uma vez a leitura literária em segundo plano. O que se quer demonstrar é que uma micro aplicação, realizada com apenas um conto, também pode levar a resultados relevantes nesse processo de leitura, em que há atendimentos e rupturas dos horizontes de expectativa, promovendo nos leitores uma consciência sobre o ato de ler e interpretar um texto literário, ao passo que, pode se converter em uma estratégia útil para a formação leitora. Sendo assim, as etapas da aplicação ficaram da seguinte forma:

1ª Etapa: *Determinação do horizonte de expectativas*, nessa etapa, levamos para a sala de aula o conto o *Bisavô e a dentadura* (2001), de Sylvia Orthof . A partir do primeiro contato com a obra, foi verificado como se construíam os horizontes de expectativa dos alunos.

2ª Etapa: *Atendimento do horizonte de expectativas* e *Ruptura do horizonte de expectativas,* esse

momento consistiu em verificar se, na leitura de cada parte do conto, ocorreu a satisfação das necessidades apresentadas pelos alunos ou se a leitura abalou as certezas e costumes, rompendo seus horizontes de expectativa.

3ª Etapa: *Questionamento do horizonte de expectativas e Ampliação do horizonte de expectativas.* Nessa etapa, analisamos as reflexões que os alunos teceram a respeito do alargamento dos seus horizontes de expectativa, através da leitura do conto

Assim, a pesquisa se deu através da aplicação desse método por ele proporcionar ao leitor a experiência literária, construindo suas próprias histórias e tecendo suas próprias reflexões. Permitindo, portanto, a ampliação da formação leitora dos alunos. Vale ressaltar, que os dados foram obtidos através da aplicação de um questionário com perguntas relacionadas aos gostos e preferências de leitura dos alunos, com o intuito de determinar os seus *horizontes de expectativas*. Além disso, usamos o gravador de voz do aparelho celular, para isso utilizamos o termo de livre consentimento para solicitar a autorização dos pais dos referidos alunos, e, desse modo, gravarmos os comentários durante a leitura de cada parte do conto.

4 ANÁLISE DOS DADOS

O quadro 1, mostra a percepção dos alunos a respeito da leitura da primeira parte do conto *O Bisavô e a dentadura* (2001) através da descrição dos acontecimentos do conto. Para obtermos as respostas dos participantes fizemos a seguinte pergunta: do que se trata o conto? E assim os alunos expressaram suas compreensões a respeito do primeiro contato com o texto lido.

Quadro 1 – Descrição dos acontecimentos da primeira parte do conto *O Bisavô e a Dentadura (2001)*

Participantes	Descrição dos acontecimentos do conto O Bisavô e a Dentadura (2001)
F1	"o conto fala sobre a brincadeira da dentadura do bisavô, que a família fazia com ele"
F2	"É... era uma família que estava em uma fazenda antiga e estava tendo um almoço bem mineiro vamos dizer assim, comida típica. E que começou a brincadeira onde estava a dentadura do bisavô, em qual copo. O bisavô estava ali só escutando, só de boa, enquanto todo mundo estava brincando"
F3	"ah... era uma família que tava numa antiga fazenda, é... uma família mineira com comidas bem típicas como: o queijo a goiabada. Lá eles começavam a brincar onde a dentadura do vovô ficou durante a noite. 'não é no meu é no teu e essas coisas'"
F4	"Falava sobre uma família que vivia num sítio em Minas Gerais e que eles estavam num almoço com comidas típicas em Minas Gerais. Aí o avô tinha uma dentadura e eles ficavam brincando em que copo estava a dentadura passou a noite, aí eles ficam discutindo em que copo tava e que não tava e o avô seguia lá vendo com a dentadura na boca"
M1	"Eu entendi que eles são uma família muito unida, brincalhona é só isso eu acho"
M2	" 'É que... eles eram uma família e aconteceu um almoço em família que eles iam comer as comidas típicas de onde eles moram, que nesse dia eles iam brincar. Eles ficavam tentando adivinhar em que copo estava a dentadura"

Fonte: Elaborado pelas autoras

Notamos, que os alunos ao realizarem a descrição dos acontecimentos do conto, apresentaram pontos semelhantes e diferentes entre suas observações, como mostra no quadro. Analisamos, que todos os alunos destacaram na descrição dos acontecimentos o ponto central da narrativa que é a brincadeira da dentadura do bisavô, com exceção do participante M1 que apenas destaca as características da família,

isto é, das personagens que compõem a história "eu entendi que eles são uma família muito unida, brincalhona é só isso eu acho", assim percebemos que esse informante apresentou dificuldades em descrever o foco da história.

A participante F1 focaliza apenas no ponto central da história que é a brincadeira dos familiares com o protagonista da história "o conto fala sobre a brincadeira da dentadura do bisavô, que a família fazia com ele". Entretanto, todos os demais participantes além de destacar esses elementos citam outros que não são tão centrais dentro da narrativa, como: A informante F2 que destaca, por exemplo, a comida típica e o almoço ser mineiro "É... era uma família que estava em uma fazenda antiga e estava tendo um almoço bem mineiro vamos dizer assim, comida típica", F3, por sua vez, atenta ainda mais para os detalhes de elementos mais específicos e que não são percebidos pelos outros alunos, nesse caso, nota as comidas que estavam à mesa "comidas bem típicas como: o queijo a goiabada", F4 consegue demarcar o espaço onde se passava a história "falava sobre uma família que vivia num sítio em Minas Gerais", M2 destaca o almoço e a brincadeira que se faziam com o avô "eles ficavam tentando adivinhar em que copo estava a dentadura".

Assim, evidenciamos que os participantes apresentam uma maneira própria de relatar os acontecimentos, sempre partindo de pontos que mais lhe chamaram a atenção na leitura. Além disso, a maioria apesar de destacar o foco da história, com exceção do participante M1, tocaram em pontos que não eram centrais, assim notamos que nem todos chegaram ao assunto da história, nesse primeiro momento.

O quadro seguinte apresenta a opinião e envolvimento dos alunos com algumas personagens do conto. O leitor, normalmente, ao realizar a leitura, se projeta muitas vezes nos elementos internos do texto, se colocando na história através de uma personagem.

Quadro 2 - Personagens presentes na primeira parte do conto *O Bisavô e a dentadura (2001)*

Participantes	Personagens presentes no conto *O Bisavô e a dentadura* (2001)
F1	"Achei os personagens bem naturais. É bem isso, lembrei das relações com a minha família, as partes que tem brincadeiras e tal, e a figura do avô onde fica aquelas lembranças. O avô me chamou mais atenção devido o jeitinho dele de brincar"
F2	"Eu acho esses personagens tipo... uma família bem brincalhona, é... tipo a minha família também é assim. De certo modo, eu consegui me identificar com a Maroquinha porque ela diz: ah! Eu tô com nojo. E é isso que eu falo para a minha família"
F3	"Eu acho eles uma família bem extrovertida tipo a minha, é uma família que brinca, que sabe brincar sem levar a sério. E eu consegui me identificar com a Maroquinha é... pelo jeito que ela 'não, eu fico com nojo' porque é isso que acontece mesmo"
F4	"Eu achei eles bem... assim uma família bem unida que gosta de conversar e que brinca com acontecimentos. Eu não me identifiquei com nenhum personagem mesmo assim a família sendo parecida"
M1	"Eu consegui me identificar com o Toninho porque ele é o mais engraçado ele que puxa a brincadeira"
M2	"A minha família é bem brincalhona assim desse jeito, só que nos personagens, se eu fosse um velho, eu seria o vovô porque eu sou péssimo"

Fonte: Elaborado pelas autoras

De acordo com o quadro, os alunos ao destacarem as personagens da história sempre acabam enfatizando características presentes neles, isto é, como uma dada personagem se comporta dentro da história, suas ações, costumes e atitudes. Vale destacar que essas características citadas pelos alunos,

normalmente, estão ligadas por alguma semelhança com suas realidades ou por se identificar com um traço específico das personagens, como notamos na fala de F3 "eu consegui me identificar com a Maroquinha", essa identificação da aluna ocorre porque a mesma no dia a dia costuma ter um comportamento semelhante a personagem citada, isto é, ela leva para sua leitura, conforme Jauss (et al; 2002), parte do seu horizonte de expectativa já construído e baseado nas suas experiências diárias.

Analisamos que F2 e F3, se identificam com a personagem Maroquinha e também fazem relações das outras personagens com o seu ciclo familiar, como observamos respectivamente em suas falas "eu acho esses personagens tipo... uma família bem brincalhona, é... tipo a minha família também é assim. De certo modo, eu consegui me identificar com a Maroquinha"; "Eu acho eles uma família bem extrovertida tipo a minha é uma família que brinca, que sabe brincar sem levar a sério. E eu consegui me identificar com a Maroquinha". Nas falas das alunas, cabe ressaltar, que ambas trazem as experiências de suas vivências para a leitura, através de momentos que vivenciam no dia a dia, sobretudo, por meio das relações com seus familiares.

Consoante a isso, F1 destaca o avô que é o protagonista do conto "o avô me chamou mais atenção devido o jeitinho dele de brincar", isto é, o lado afetivo com a personagem faz com que a aluna prenda a atenção especificamente nele. M1 destaca a personagem Toninho "consegui me identificar com o Toninho", essa identificação partiu da semelhança com a personagem por se caracterizar como uma pessoa engraçada. M2 se compara ao protagonista da história "só que nos personagens, se eu fosse um velho, eu seria o vovô porque eu sou péssimo". O que é interessante frisar na fala de M2 é o fato de que o mesmo se projeta para o protagonista da história, mesmo possuindo idade diferente o aluno idealiza suas atitudes futuras como o vovô do conto. Salientamos, que apenas F4 não estabeleceu relações suas com as personagens "Eu achei eles bem... assim uma família bem unida que gosta de conversar e que brinca com acontecimentos. Eu não me identifiquei com nenhum personagem mesmo assim a família sendo parecida". Desse modo, compreendemos que apesar de não se identificar com as personagens a informante estabelece relações com seus familiares.

Diante disso, concluímos que a maioria dos participantes, com exceção de M1, estabelecem relações com suas vivências familiares, pois destacam sempre a família do protagonista comparando-os com a sua por serem extrovertidos. Isso mostra, que os alunos ao construírem seus horizontes de expectativas, isto é, ao receberem o texto literário levam as experiências de mundo, sobretudo, os valores morais e éticos aprendidos com seus familiares.

O quadro 3 é referente ao horizonte de expectativa dos alunos construído na primeira parte do conto *O Bisavô e a dentadura* (2001), isto é, as expectativas deles para os acontecimentos que sucederiam na narrativa. As respostas foram adquiridas através da pergunta: o que acham que vai acontecer? Abaixo, foram registradas suas expectativas.

Quadro 3 - Horizonte de expectativas referente a primeira parte do conto O Bisavô e a dentadura (2001)

Participantes	Horizonte de expectativas referente a primeira parte do conto *O Bisavô e a dentadura* (2001)
F1	"Eu acho que eles irão continuar a brincadeira"
F2	"Eu acho que.... eles vão uma hora ou outra eles vão ter que beber água e aí o bisavô vai fazer a brincadeira. Ele vai falar em qual copo que tava e vai começar a rir"
F3	"Eu acho que eles vão continuar brincando até que um deles vai tomar alguma no copo e ele vai revelar que estava no copo da pessoa e vai começar a rir"
F4	" O que veio na minha cabeça quando eu terminei de ler é que um dia o avô ia colocar uma dentadura fixa e iam ficar brigando em que ta? Em que tá? E o avô ia revelar que tinha colado a dentadura e assim ia acabar a brincadeira de onde estava a dentadura"
M1	"Eu acho que eles vão continuar com a brincadeira depois vai acabar"
M2	"Eu acho que ele vai revelar em que copo tá, o povo vai ficar com nojo e alguém vai beber o copo da água da dentadura. E... vem mais brincadeira pela frente"

Fonte: Elaborado pelas autoras

Notamos, através do quadro que F1 espera que "eles irão continuar a brincadeira" e que as expectativas de M1 também se assemelham à primeira, pois o mesmo diz "acho que eles vão continuar com a brincadeira depois vai acabar". Entendemos, por meio das expectativas desses alunos, que eles preveem que a história irá continuar com apenas o seguimento da brincadeira porque o protagonista da história, aparentemente, se mostra passivo perante as piadas sofridas e isto proporciona ao leitor pensar que a narrativa prosseguirá da mesma maneira.

Entretanto, destacamos que além dos alunos esperarem a continuação da brincadeira há aqueles que criam suas expectativas a partir do viés em que o avô, isto é, o protagonista irá agir na história. Isso se nota na fala de F2 "Ele vai falar em qual copo que tava e vai começar a rir", F3 "eles vão continuar brincando até que um deles vai tomar alguma água no copo e ele vai revelar que estava no copo da pessoa, F4 "um dia o avô ia colocar uma dentadura fixa e iam ficar brigando em que tá? Em que tá? E o avô ia revelar que tinha colado a dentadura e assim ia acabar a brincadeira de onde estava a dentadura", M2 "Eu acho que ele vai revelar em que copo tá, o povo vai ficar com nojo e alguém vai beber o copo da água da dentadura. E... vem mais brincadeira pela frente". Assim, compreendemos que o horizonte de expectativa dos alunos é bastante diversificado, e parte deles é resultado das relações com suas famílias e, por conta disso, acabam imaginando sempre uma continuação cômica, seja através das atitudes dos familiares do avô ou do próprio protagonista.

O quadro 4, apresenta as falas dos alunos no momento da ruptura e atendimento das suas expectativas. Perguntamos a eles se as suas expectativas foram atendidas ou não. Vale destacar, que o intuito era verificar como eles reagiriam diante da sucessão dos acontecimentos do conto aplicado.

Quadro 4 - Ruptura ou atendimento do horizonte de expectativa referente a primeira parte do conto *O Bisavô e a dentadura (2001)*

Participantes	Ruptura ou atendimento do horizonte de expectativa referente a primeira parte do conto *O Bisavô e a dentadura* (2001)
F1	"Não foi como esperava, pois o vovô ficou triste, eu esperava mais"
F2	"O texto não atendeu as minhas expectativas e eu fiquei meio chateada porque eu esperava que eles iam está [sic] na mesma brincadeira e o avô iria falar em qual copo que tava. Eu acho que preferiria o que achei ia acontecer"
F3	"Não aconteceu como eu esperava. Eu fiquei meio triste porque eu vi que o bisavô ficou meio chateado com o que eles falavam porque ele falou que ele tirou porque todo tinha nojo. Apesar disso, sinceramente, eu prefiro essa versão porque e... dessa forma, eles vão ter a noção que muitas vezes essas brincadeiras não são muito boas "
F4	"Não atendeu as minhas expectativas. Quando eu recebi o papel eu 'não aconteceu como eu queria' ele achou que todo mundo tinha nojo dele por ele usar a dentadura e todo mundo ficar falando que estava no copo de alguém, aí ele se sentiu triste"
M1	"o texto não atendeu as minhas expectativas. Eu gostei mais ou menos porque o velhinho parou de usar a dentadura porque a família não gostou"
M2	"Não aconteceu como eu esperava, porque ele começou meio triste porque os outros ficavam rindo. Fiquei meio triste por não ter acontecido como eu esperava. Preferia como eu esperava"

Fonte: Elaborado pela autoras

Consoante ao que é apresentado no quadro, em relação ao conto lido, obtivemos tanto uma recepção positiva, quanto negativa dada ao atendimento e ruptura dos horizontes de expectativas dos alunos. Todos os participantes obtiveram quebra de expectativas com a continuação da história como notamos na fala de F1 "Não foi como esperava", F3 "não aconteceu como eu esperava", isto é, a sucessão acabou não atendendo suas expectativas.

Analisamos, que a quebra de expectativas dos alunos e suas insatisfações ocorreram, principalmente, devido o protagonista da história ter se sentido magoado com as ações dos familiares, como evidenciamos na fala de M2 "Fiquei meio triste por não ter acontecido como eu esperava. Preferia como eu esperava"; M1 "Eu gostei mais ou menos porque o velhinho parou de usar a dentadura porque a família não gostou"; F2 "eu fiquei meio chateada porque eu esperava que eles iam está na mesma brincadeira e o avô iria falar em qual copo que tava. Eu acho que preferiria o que achei ia acontecer". Assim, evidenciamos que os valores e costumes dos alunos foram rompidos, parte de suas insatisfações são devido às atitudes negativas, como o bullying que é sofrido pela figura do avô. Essa insatisfação gerada diante da leitura dessa parte do conto, evidencia aspectos relacionados à própria visão de Barthes (1987) sobre a fruição, pois é aquele texto que põe o leitor em estado de descontentamento com a sucessão dos acontecimentos.

Vale destacar, que apesar da recepção negativas dos alunos perante os acontecimentos não significam que não puderam ter a experiência de leitura, mas é justamente pelo não atendimento que os alunos tiveram a ampliação dos seus horizontes, pois "o prazer da leitura vem evidentemente de certas rupturas (ou de certas colisões)" (Barthes, 1987, p.11). Desse modo, é quando o leitor reflete sobre o que lê que entendemos o real sentido da leitura literária.

Em sequência, o quadro 5 demonstra o horizonte de expectativas dos alunos relacionado à segunda parte do conto *O Bisavô e a dentadura (2001)*. As respostas foram adquiridas através de perguntas, como: a partir dessa leitura, o que espera que irá acontecer? E, assim, obtivemos as respostas registradas no quadro.

Quadro 5 - Horizonte de expectativas referente a segunda do conto *O Bisavô e a dentadura (2001)*

Participantes	Horizonte de expectativas referente a segunda parte do conto *O Bisavô e a dentadur*a (2001)
F1	"Eu espero que o vovô coloque a dentadura na jarra"
F2	"Eu acho que eles vão fazer mais brincadeiras só que não desse tipo porque eles prometeram não iam mais fazer essa brincadeira"
F3	"Ham... acho que eles irão voltar com a brincadeira, mas vai ser de outra forma até porque eles prometeram que não iam fazer mais uma brincadeira assim"
F4	"Eu acho que vai continuar a brincadeira, porque na primeira e na segunda parte tiveram a brincadeira, então, eu acho que vai continuar a brincadeira aí eles vão ficar pensando em que copo vai está a dentadura"
M1	"Eu acho que vai voltar a brincadeira do copo"
M2	"Eu espero que ninguém fique com nojo dele e que volte acontecer a brincadeira"

Fonte: Elaborado pelas autoras

Para obtermos as respostas dos alunos perguntamos o que eles achariam que ocorreria no desfecho da história. Para a maioria dos participantes, o conto terminaria com a continuação da brincadeira como percebemos na fala de M1 "vai voltar a brincadeira do copo", e F4, "eu acho que vai continuar a brincadeira". O fato de os alunos pensarem que a conclusão seria dessa forma é resultado, sobretudo, devido a forma como foi acontecendo o desenrolar da narrativa, visto que, nas partes lidas anteriormente, de certa forma, a brincadeira permanecia.

Além disso, há aqueles que preferem que ocorra a brincadeira, mas de forma diferente de como acontecia, isto é, através de atitude que não magoe o protagonista da história como evidenciamos na fala de F2 "vão fazer mais brincadeiras só que não desse tipo porque eles prometeram que não iam mais fazer essa brincadeira", F3 "Ham... acho que eles irão voltar com a brincadeira, mas vai ser de outra forma até porque eles prometeram que não iam fazer mais uma brincadeira assim", M2 "eu espero que ninguém fique com nojo dele e que volte acontecer a brincadeira". As falas dos alunos mostram que eles acabam criando uma relação afetiva com o protagonista da história, talvez, por representar uma figura presente em suas famílias.

Destacamos que a expectativa de F1 é que "o vovô coloque a dentadura na jarra", algo interessante é que a aluna constroi uma perspectiva que está pautada diferente dos demais participantes, pois para a mesma a brincadeira não vai ser da família com o avô, mas do protagonista com a família, isto é, será ele quem agirá na narrativa.

Dando continuidade, o quadro 6 expõe a recepção dos alunos diante do rompimento ou atendimento dos seus horizontes de expectativas, ao final da última parte do conto *o Bisavô e a dentadura* (2001). Para isso, fizemos aos alunos a seguinte pergunta: vocês gostaram do final da história ou queriam que ocorresse de outro modo? E por meio do diálogo aberto conseguimos suas respostas.

Quadro 6 - Ruptura do horizonte de expectativa referente ao desfecho do conto *O Bisavô e a dentadura (2001)*

Participantes	Ruptura do horizonte de expectativa referente ao desfecho do conto *O Bisavô e a dentadura* (2001)
F1	"Eu não esperava que fosse terminar assim, pensei que ele iria colocar na jarra, mas ele colocou a dentadura no filtro"
F2	"Eu não esperava que ia ter esse final, mas eu gostei muito"
F3	"O texto não atendeu minhas expectativas. Eu fiquei tipo... meu Deus! Que é isso? Mas foi legal, eu gostei mais dessa do que a versão que eu tinha imaginado"
F4	"Não aconteceu como esperava, preferi do jeito como aconteceu porque foi um tanto quanto engraçado, é... que a minha versão eu achei um pouco sem graça eu percebi depois que era uma coisa que já vinha se repetindo e tinha que mudar. E eu gostei dessa versão final que ficou o texto, porque no final todos beberam a água e ninguém ficou pensando em qual tava e em qual não tava"
M1	"Não esperava que o texto fosse terminar assim, mas eu gostei do final, ficou muito engraçado, ele pegou todo mundo"
M2	"Não aconteceu como esperava, gostei como aconteceu porque foi divertido assim"

Fonte: Elaborado pelas autoras

Conforme as reações descritas no quadro, todos os alunos tiveram quebra de expectativas. De acordo com a aluna F2 "Eu não esperava que ia ter esse final, mas eu gostei muito", M1 "Não esperava que o texto fosse terminar assim, mas eu gostei do final, ficou muito engraçado, ele pegou todo mundo" e M2 "Não aconteceu como esperava, gostei como aconteceu porque foi divertido assim". Compreendemos, que os alunos apesar de não possuírem o atendimento de suas expectativas, se agradaram com o final da história, pois, como bem foi mencionado, o conto finaliza de forma cômica. O contentamento pelo desfecho da história deve estar intimamente ligado aos seus horizontes de expectativa já construídos, visto que, no questionário alguns alunos responderam que tinham a preferência por comédia.

Além disso, ressaltamos a fala de F1 "eu não esperava que fosse terminar assim, pensei que ele iria colocar na jarra, mas ele colocou a dentadura no filtro", assim apreendemos que a aluna obteve um atendimento parcial das suas expectativas. Apesar do atendimento não ter acontecido da mesma forma como imaginava, pela sua fala, a aluna pôde sentir o prazer com a finalização, pois não se mostrou avessa ao que aconteceu.

Desse modo, analisamos que essa quebra causou em todos choque e empolgação em relação à forma como ocorreu, pois todos enfatizaram que o conto finalizou de maneira mais divertida do que imaginavam. Para F3 "O texto não atendeu minhas expectativas. Eu fiquei tipo... meu Deus! que é isso? Mas foi legal, eu gostei mais dessa do que a versão que eu tinha imaginado", A recepção positiva dos alunos pode ser dada ao fato de que a história termina de certo modo com um final feliz e isso faz parte do seu universo de leitura, pois como respondido no questionário, os mesmos leem bastante narrativas de romance, e os livros por eles citados, basicamente, encerram de forma positiva. Essa recepção positiva dos alunos, comprova que na finalização sentiram *prazer* com o texto lido, que conforme Barthes (1987) provoca o sentimento de contentamento na leitura.

Os alunos, no processo de ruptura, puderam refletir sobre as várias formas de olhar um texto, para além do que idealizavam ou que conheciam. Como menciona F4 "preferi do jeito como aconteceu porque foi um tanto quanto engraçado, é... que a minha versão eu achei um pouco sem graça, eu percebi depois que era uma coisa que já vinha se repetindo e tinha que mudar", ou seja, a aluna não só pode sentir o prazer no momento da leitura, mas, sobretudo, foi capaz de ver na quebra do seu horizonte de

expectativa "novos caminhos" para finalizar uma história, refletindo acerca da importância de mudar e trazer novos sentidos em sua leitura.

Em sequência, o quadro 7 traz as reflexões e as experiências alcançadas, pelos alunos, com a leitura do conto *O Bisavô e a dentadura (2001)*. Essas reflexões tecidas são resultados de todo o percurso que traçaram ao longo de cada parte do conto. Ao final da leitura esses alunos puderam dialogar acerca das suas vivências e experiências com a leitura do conto.

Quadro 7 - Experiência e reflexões tecidas após a leitura da última parte do conto *O Bisavô e a dentadura (2001)*

Participantes	Experiência e reflexões tecidas a respeito da leitura do conto *O Bisavô e a dentadura* (2001)
F1	"A experiência me possibilitou o desenvolvimento da imaginação, de pensar a mais uma história"
F2	"Ah, tipo... é a gente pensa que vai acontecer uma coisa, mas a gente vai lendo e a gente vai percebendo que vai acontecendo outra. É uma visão diferente, então dá um certo conhecimento"
F3	"ah, eu... consegui desenvolver, tipo ler e tentar imaginar o que vem depois e ter o sentimento de surpresa, nossa! Eu não esperava por isso"
F4	"A experiência possibilitou acho que perceber que as brincadeiras podem parecer uma brincadeira leve, mas ela no final pra quem é o alvo pode ser uma brincadeira de mal gosto. E também tem a imaginação, depois que tu ler [sic] tu tem uma curiosidade de pensar: como vai ser a outra parte? O que vai acontecer com os personagens?
M1	"A experiência me proporcionou conhecimento"
M2	"Me possibilitou, é... conhecer mais e também perceber que tudo tem limites, a brincadeira pra você pode ser fácil, pode ser qualquer coisa tipo assim, mas a pessoa que tá sendo vítima não pode ser tão divertido. Gostei da experiência"

Fonte: Elaborado pelas autoras

Observamos no quadro, que todos os alunos tiveram uma experiência positiva com a leitura do conto. Ademais, eles puderam levar a experiência de leitura para além do universo ficcional, trazendo reflexões sobre o dia a dia escolar. Na fala de F4 "a experiência possibilitou acho que perceber que as brincadeiras podem parecer uma brincadeira leve, mas ela no final pra quem é o alvo pode ser uma brincadeira de mal gosto" e de M2 "me possibilitou, é... conhecer mais e também perceber que tudo tem limites, a brincadeira pra você pode ser fácil, pode ser qualquer coisa tipo assim, mas a pessoa que tá sendo vítima não pode ser tão divertido. Gostei da experiência". A partir dos comentários dos alunos, entendemos o papel da leitura e, sobretudo, do texto literário, que é proporcionar ao leitor reflexão, crítica e, até mesmo, a construções de valores, vimos que eles trazem à tona a temática do bullying e se colocam no lugar da personagem sentindo suas dores.

Nesse viés, ao lerem parte por parte o conto, e não da forma como estavam acostumados, os permitiu vivenciar a leitura de maneira mais profunda, pois para F3: "ah, eu... consegui desenvolver, tipo ler e tentar imaginar o que vem depois e ter o sentimento de surpresa, nossa! Eu não esperava por isso", e para F1: "A experiência me possibilitou o desenvolvimento da imaginação, de pensar a mais uma história"; e F4 "também tem a imaginação, depois que tu ler[sic] tu tem uma curiosidade de pensar: como vai ser a outra parte? O que vai acontecer com os personagens?". A curiosidade despertou ainda mais o desejo de permanecer na leitura e a possibilidade de criar sua própria continuidade da história.

Notamos que a experiência literária de receber um texto que rompeu seus horizontes de expectativas, permitiu a ampliação dos seus universos de leitura. De acordo com M1 "a experiência me proporcionou conhecimento ", isto é, o transformou-lhes enquanto leitores conscientes de sua formação leitora.

Dessa maneira, é perceptível, sobretudo, para os alunos o quanto o texto literário, isto é, a experiência literária permitiu um mergulho profundo na história e proporcionou a eles tanto a satisfação, quanto a insatisfação, ambas tão importantes para o desenvolvimento do leitor/da leitora. É importante ressaltar que os fatores determinantes na recepção dos alunos, quanto a leitura e construção dos seus horizontes de expectativas, foram as suas experiências advindas das suas relações sociais e do universo sociocultural, o gosto por uma literatura que, na maioria das vezes, finaliza de forma positiva e também por terem valores moralmente estabelecidos e construídos, certamente, influenciou a maneira como esperavam que a história se desenvolvesse. Em outras palavras, sempre idealizam um "final feliz" ou atitudes sempre corretas dos personagens da história.

Portanto, os alunos conseguiram desfrutar de uma *experiência estética* ao ler o conto Vale ressaltar que o texto literário, antes de tudo, deve ser experimentado por aquele que lê. Ao pensar na leitura literária sabemos que não se trata de uma prática simples, mas requer toda uma construção que o leitor vai adquirindo ao longo do tempo, como se nota na perspectiva de Bordini e Aguiar: "[...] todas as pessoas, desde a infância, são, portanto, leitoras em formação, uma vez que estão constantemente atribuindo sentidos às mais diversas manifestações" (1993, p. 11). Para construir esses sentidos e desfrutar de um mundo de imaginações é necessário proporcionar ao leitor/a leitora a experiência literária, isto é, viver e perceber a leitura através de todos os sentidos.

De modo geral, em relação ao conto aplicado, analisamos que os horizontes criados pelos alunos sofrem bastante influência do seu universo cultural, pois em suas expectativas sempre consideraram que a história sucederia com acontecimentos positivos, o que se justifica, sobretudo, devido eles terem preferências por romances e comédia, isto é, narrativas que, geralmente, finaliza de forma positiva. Para Jauss (et al; 2002) o horizonte de expectativa sofre influência do universo social e cultural do leitor, o que de fato, foi possível identificar no processo de leitura do conto.

Os alunos não apresentaram muitas dificuldades para fazer a interpretação do conto, assim conseguiram descrever com mais detalhes os acontecimentos que ocorriam na narrativa. As estratégias de recepção mais utilizadas por eles durante a leitura foi estabelecer comparações das personagens consigo mesmo e com seus familiares. Os alunos ao estabelecerem essas comparações se colocavam dentro da narrativa, fato que nos fez observar que isso proporciona uma maior interação deles com o texto lido.

Além disso, foi possível notar que o rompimento do horizonte de expectativas dos alunos proporcionou um momento de ampliação da experiência da leitura literária. Ao terem os seus horizontes quebrados, os alunos se sentiam contentes com o desfecho da história, e preferiram a forma como ocorreu do que aquela que haviam imaginado inicialmente. Para eles, a experiência de ler o texto, parte por parte, e construir aos poucos seus horizontes lhes permitiu uma consciência do processo de leitura, desenvolvendo a imaginação, e promovendo a motivação para o ato de ler.

Ao final, os alunos tiveram diversas reflexões, comparando o conto com a sua realidade, principalmente a respeito da importância de se fazer brincadeiras saudáveis, que não magoem os outros e, sobretudo, o respeito aos mais velhos. Através dessas ponderações, notamos que a leitura do conto proporcionou o alargamento dos seus horizontes de expectativas, fazendo com que eles juntassem aquilo que já possuíam de conhecimento, com o que aprenderam com a experiência proporcionada.

CONCLUSÃO

Através do desenvolvimento da pesquisa e dos resultados obtidos a partir da recepção do texto literário pelos alunos do 8° ano do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Maria Nadir Filgueira Valente, no município de Cametá/PA, analisamos o quanto a leitura literária é importante na vida do ser humano, tanto na vida social, quanto escolar. Entretanto, nem sempre educadores e formadores envolvidos em projetos de leitura pensam e refletem sobre o processo que o leitor/a leitora realizam ao se deparar com um texto literário e, por meio do trabalho desenvolvido, percebemos o quão é imprescindível o educador se atentar a esses detalhes, pois é por meio disso que o professor poderá auxiliar o aluno na busca pela compreensão e pelas experiências que a leitura permite.

Ao final da leitura do conto, os alunos foram capazes de ponderar sobre o seu processo de leitura. A experiência permitiu vivenciar, imaginar e refletir sobre aspectos que, normalmente, não eram pensados por eles. Isto proporcionou-lhes colocar-se na narrativa, pensar e construir atitudes a partir dela. Assim, os alunos puderam construir suas próprias histórias e mostraram que "[...] o autor somos nós, pois cada um é o autor de sua biografia" (Zimmermann,1977, p. 172 apud Jauss, et al; 2002, p. 103), isto é, o próprio leitor/leitora constroi suas perspectivas a respeito das suas leituras.

Ao passo que os alunos se tornaram os sujeitos desse processo, observamos a validade dos pressupostos teóricos e práticos de Jauss e Aguiar e Bordini, mesmo que haja um intervalo de tempo considerável, entre o contexto de publicação e aplicação dessa pesquisa. A micro aplicação da proposta, por sua vez, demonstrou que mesmo em formato mínimo a experiência leitora e a experiência subjetiva se cruzam na interpretação de um texto literário, e que essa relação é fundamental para a motivação dos alunos e sua formação leitora.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. A formação do leitor. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. *Caderno de formação*: formação de professores didática geral. São Paulo: cultura acadêmica, 2011, p 104-116, V. 11.

BARTHES, R. *O prazer do texto*. 1. Ed. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T. *Literatura:* a formação do leitor – alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

COSSON, R. *Letramento literário:* Teoria e prática. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2009.

JAUSS, H. R; ISER, W; STIERLE, K; GUMBRECHT, H. U; WEINRICH, H. *A literatura e o leitor:* textos da estética da recepção. Tradução: Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ORTHOF, S. O bisavô e a dentadura. In: MACHADO, A. M. et al (Org). *Quem conta um conto?* São Paulo: FTD, 2001. p. 53-59.

TENENTE, L. Em teste de habilidades de leitura entre crianças, Brasil ocupa o 39º lugar em ranking com 43 países. *G1*, 16 de abril. 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/05/16/criancas-do-brasil-tem-habilidades-de leitura-inferiores-as-do-azerbaijao-e-do-uzbequistao-mostra-teste-internacional.ghtml. Acesso em: 19 maio 2023.